

# A máscara mortuária <sup>513</sup> agora causa polêmica

Está provocando muita polêmica a autoria da elaboração da máscara mortuária de Tancredo Neves, que mostra o rosto sereno do presidente eleito em seu último instante de vida. Ontem, os cirurgiões-dentistas Gino Lasco e Carlos Alberto Miori, o protético facial Ari da Costa Brito e o escultor Miguel Barba acusaram o escultor Nicolás Vlavianos de ser "um impostor" que não fez absolutamente nada neste trabalho, "sequer chegou a se aproximar a menos de um metro do corpo ou tocá-lo, não passou de mero espectador e passou a se arvorar em autor da máscara mortuária do presidente".

Na madrugada de segunda-feira, poucas horas depois da morte de Tancredo, Vlavianos foi convidado a comparecer ao Instituto do Coração para tirar o molde do rosto e das mãos do presidente eleito, que seriam futuramente perpetuados em bronze. Segundo ele, o convite foi feito em nome da família pelo secretário de Cultura de São Paulo, Jorge Cunha Lima, que o contactou por intermédio da crítica de arte Radhã Abramo. Nos dias seguintes ele mostrou o trabalho à imprensa e disse ter ficado muito honrado por ter sido escolhido para sua realização.

Essas declarações irritaram os quatro especialistas que integraram a equipe encarregada de registrar no gesso o rosto de Tancredo. Segundo o escultor Barba, "Vlavianos ainda por cima tenta apresentar agora essa máscara mortuária como sendo uma

obra de arte, quando não há nenhuma arte nisso, é um trabalho unicamente técnico, um simples molde de gesso".

O mais inconformado é o professor Lasco, que explicou não ser médico, como saiu em alguns jornais, e sim dentista especializado em cirurgia buco facial, aposentado do Departamento de Otorinolaringologia da Faculdade de Medicina da USP: "Vlavianos diz que é grego, que está no Brasil há 26 anos, que não se quer naturalizar e ainda rouba o trabalho de quatro brasileiros. Ele nem conseguiu fazer vaziar o molde negativo que foi tirado do rosto do presidente, para o positivo, a fim de fazer em seguida as cópias em bronze. Terminou nos confessando que não tinha condições para isso. Quem teve de tirar o positivo foi o Ari da Costa Brito, protético buco-maxilo-facial e dentário do Hospital das Clínicas".

Brito, por sua vez, afirmou que "não há nenhuma arte em se tirar um molde, uma máscara mortuária, que é apenas um trabalho técnico e de alta precisão". Barba acrescentou "que qualquer pessoa que faz uma fôrma, seria capaz de tirar essa máscara mortuária".

Mesmo assim, os quatro não querem abrir mão da autoria do trabalho, segundo eles parte de "um fato histórico". Para garantir o reconhecimento de sua participação, fizeram registrar em cartório um relato de tudo o que aconteceu naquela madrugada, no subsolo do Incor, "com farta prova testemunhal". O docu-

mento é extremamente minucioso sobre o papel de cada um na confecção da máscara mortuária. Entra em pormenores técnicos, descrevendo a atuação de cada um, incluindo também a do pintor Antônio Carelli, outro integrante da equipe. Pelo relato, a maior parte do trabalho coube ao professor Lasco e o escultor Vlavianos recusou-se a atender até à sugestão para que preenchesse "o molde das mãos do presidente com gesso, sob a alegação de impossibilidade de executá-lo".

## AMB

Também em São Paulo, o presidente da Associação Médica Brasileira (AMB), Néelson Proença, divulgou nota oficial ontem, lamentando a morte de Tancredo e o sentimento de frustração dos médicos que, apesar de todos os esforços, são obrigados a reconhecer que "a essência dos fenômenos biológicos não pode ser mudada pela vontade dos homens".

"Ao lado do sofrimento de todos — prossegue a nota — estamos suportando uma situação nunca antes vivida, representada pelo despedaçar do prestígio da medicina brasileira e da respeitabilidade de nossos médicos." A esse respeito, o presidente da AMB assegura que a conduta adotada pela equipe que cuidou do presidente eleito "foi absolutamente correta" e observa que, por seu "amor à Nação", Tancredo escondeu sua luta contra a doença que já se manifestava antes de 14 de março.



Foto Antônio Lúcio

Irritado, o professor Lasco nega a participação do escultor na máscara mortuária